

Audiodescrição: panoramas atuais e futuros*

Pilar Orero entrevistada por Felipe Leão Mianes

161

Felipe: Audiodescrição é uma das modalidades de tradução visual – nesse caso, do meio visual para o verbal – que auxilia a compreensão de pessoas com deficiência, principalmente as cegas e as com baixa visão. Ou, como costumamos dizer de maneira mais comum, a audiodescrição transforma imagens em palavras para que pessoas com deficiência tenham acesso a todas as formas de conteúdo visual. Está de acordo com esse conceito e tem algo a acrescentar?

Pilar: Eu acredito que audiodescrição seja algo mais complexo do que “transformar imagens em palavras” – e conste que essa já é uma transformação bastante complexa. A audiodescrição deve, em algumas ocasiões, descrever os sons, porque nem sempre eles são claramente identificáveis e, também, descrever o silêncio, o que é muito difícil, pois ele possui grande carga simbólica. Está claro que a audiodescrição é importantíssima como serviço de acessibilidade.

Felipe: Atualmente, a cultura, e mais especificamente a educação, tem cada vez mais se utilizado da visualidade. Na mesma medida, é cada vez maior a quantidade de pessoas com deficiência visual a participarem da vida social. Logo, qual a importância da audiodescrição para incluir as pessoas com deficiência em um mundo tão visual?

* A tradução das respostas do espanhol para o português é de Felipe Leão Mianes.

Pilar: A audiodescrição é uma ferramenta básica para dar igualdade de oportunidade de acesso ao conteúdo audiovisual, seja para sua função lúdica, como podem ser os videogames, ou para “serious games”. Cada vez mais vamos percebendo que não somente o conteúdo educativo é audiovisual, pois a interação com esse material está pensada de forma audiovisual. Portanto, poder ter não somente o conteúdo audiodescrito, mas também uma interação com esse conteúdo que seja acessível para os leitores de tela, por exemplo, é um direito humano.

Felipe: No Brasil, há algumas leis regulamentando a obrigatoriedade de audiodescrição na TV e estabelecendo um cronograma de implantação nos canais abertos; há também a obrigatoriedade de que todos os livros didáticos utilizados nas escolas tenham descrição de imagens e outros formatos de acessibilidade. Assim, no que diz respeito a leis, como está o cenário europeu e, especificamente, o espanhol? O que você acredita que deve ser feito nesse sentido para garantir o direito à audiodescrição nos meios de comunicação, demais produtos culturais e outros?

Pilar: Todos os países da Europa ratificaram a Convenção para os Direitos das Pessoas com Deficiência, da ONU (Resolução A/RES/61/106, de 13 de dezembro de 2006). Porém, somente em 2010, a União Europeia criou sua própria diretriz de acessibilidade aos meios de comunicação, a *Audiovisual Media Services Directive (AVMSD)*,¹ e as leis de cada país dentro da União Europeia devem refletir essa diretriz. Por exemplo, na Espanha, a Lei do Audiovisual foi criada em 2005. Os serviços de acessibilidade devem ser implementados de forma progressiva, ainda que alguns serviços tenham mais abrangência que outros – as legendas estão em 100%, enquanto a audiodescrição está em 10%.

Felipe: Um dos pontos mais interessantes nos estudos sobre audiodescrição quanto ao público é a mudança em suas formas de perceber o mundo – passa-se a ver coisas que antes não se notava, atentando-se para as imagens que se vê, das mais simples às mais complexas. Isso nos leva a pensar que a audiodescrição ajuda também as pessoas que não têm deficiência, que passam a reeducar seus modos de olhar as coisas. O que você tem a dizer sobre a audiodescrição como um modo de educar o olhar? Como a audiodescrição pode ampliar os conhecimentos e o acesso à cultura dos seus usuários?

Pilar: A deficiência não é somente física, também pode ser linguística. Por exemplo, se eu viajo para o Japão, não poderei me comunicar, pois ainda que eu não seja surda, não poderei dizer nenhuma palavra e tampouco entender nada do que me dizem, como se eu estivesse surda. Além disso, como não consigo ler Kanjis, estarei em uma condição similar à das pessoas que não conseguem ler por motivos de deficiência. O mesmo acontece com a cultura. Há duas

¹ Directiva 2010/13/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 10 de março de 2010. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/digital-agenda/en/audiovisual-media-services-directive-avmsd>>.

semanas fizemos testes na Argentina, onde falam a mesma língua que na Espanha. Os testes eram sobre a audiodescrição de um filme em inglês dublado para o espanhol. As perguntas tinham relação com o aspecto cultural, e ficou claro que ainda que falássemos a mesma língua, os elementos culturais do filme poderiam ser audiodescritos ou não, e nos casos em que se audiodescreveu o filme, se entendia melhor. Isso quer dizer que a audiodescrição também ajuda no acesso à cultura.

Felipe: A temática deste número da revista *Em Aberto* é a diferença – as pessoas com deficiência e outros usuários de audiodescrição estão enquadradas como “diferentes”. Sendo assim, a audiodescrição tem como público pessoas que vivem a condição de serem consideradas como diferentes. Ao mesmo tempo que o caminho ainda é longo para que os tidos como diferentes tenham sua diferença respeitada, essas pessoas tentam cada vez mais o direito de serem protagonistas nessas lutas por acessibilidade. Assim, principalmente no Brasil, na Inglaterra e na Bélgica, pessoas com deficiência visual atuam nas equipes de audiodescrição como consultoras e pesquisadoras desses processos, sendo, assim, protagonistas nessas produções de conteúdo acessível. Para você, qual a importância do protagonismo das pessoas com deficiência visual nos processos de produção de audiodescrição? Como isso acontece na Espanha?

Pilar: Na Espanha, que eu saiba, não há pessoas com deficiência nas equipes de audiodescrição. Na Alemanha, no grupo de Bernd Benecke, sempre há uma pessoa que trabalha nos momentos em que é redigida uma audiodescrição. Está claro que essa é a melhor maneira de trabalhar, e deveria ser reconhecido se a audiodescrição foi feita com ou sem a ajuda de um usuário final.

Felipe: Em sua opinião, qual a importância da audiodescrição nos processos educacionais, sobretudo escolares, para alunos com e sem deficiência?

Pilar: Já disse que a audiodescrição serve para dar acesso à cultura. Também pode ser uma boa ferramenta educativa. Por exemplo, há estudos de Agnieszka Walczak demonstrando como a audiodescrição ajuda na aprendizagem do ensino de matérias como Biologia. Ela fez testes com crianças com e sem problemas de visão, e ambas aprenderam melhor com audiodescrição. Além das turmas de Biologia, Agnieszka também fez testes em classes de aprendizagem de segunda língua, e os resultados foram positivos. Por fim, na Polônia existe uma associação chamada DE FACTO em que há um projeto de audiodescrever imagens na imprensa escrita. Nesse caso, são crianças que fazem isso para outras crianças e, portanto, devem aprender a descrever imagens. Descobriu-se a necessidade de todas elas aprenderem como fazê-lo, o que é algo não considerado nos planos de estudos. As crianças vivem cada vez mais imersas em um mundo audiovisual e, no entanto, não sabem descrever verbalmente. Esse é um bom exercício.

Felipe: No Brasil, avançamos em termos de pesquisas voltadas à audiodescrição, bem como no estudo e realização de novas possibilidades, como o que chamamos aqui de eventos sociais, por exemplo, em casamentos, eventos esportivos, partos, concertos musicais e outros. Esse uso da audiodescrição para além dos materiais audiovisuais é um caminho a ser estudado para que chegue ao cotidiano das pessoas com deficiência. Essa é apenas uma das possibilidades e perspectivas futuras para os estudos e práticas em audiodescrição. Quais são os desafios atuais e futuros para a pesquisa em audiodescrição? Você acredita que a audiodescrição pode contribuir para a inclusão cultural e educacional das pessoas consideradas diferentes?

Pilar: Eu acredito que um desafio importante é conseguir uma tecnologia barata e fácil, por exemplo, *smartphones* como plataforma para distribuição de audiodescrição. Dessa maneira, pode-se acessar a audiodescrição onde se estiver, se ela existir. Um problema de acessar uma audiodescrição num estádio de futebol é como ela é recebida. O mesmo acontece no cinema ou em um batizado. Uma vez que tenhamos essa tecnologia e que esteja padronizada – o que é tão importante como a tecnologia em si, pois se não está padronizada algumas pessoas poderão utilizar e outras não –, o importante é que fique determinado o que quer dizer qualidade. Não pode ter a mesma qualidade a audiodescrição feita em um grupo de três pessoas, tendo um deficiente visual na equipe, e uma audiodescrição gerada por uma máquina e narrada por um programa de voz sintetizada. Todas são audiodescrições e todas têm uma finalidade e um uso, mas deveria estar em algum lugar a resolução do problema de classificar a qualidade. É absurdo pensar que as máquinas não podem aprender a descrever imagens. Além de trabalharmos para que cada vez o façam melhor, também precisamos determinar a qualidade necessária para a audiodescrição de programas de TV para crianças. Por outro lado, qual qualidade necessitamos para uma partida de hóquei sobre patins em um lugarejo?

Pilar Orero, doutora pela Universidade de Manchester, na Inglaterra, é professora do curso de Linguística do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Tradução Visual da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha.

Felipe Leão Mianes, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é pós-doutorando em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Realiza pesquisas com ênfase em currículo, políticas educacionais, acessibilidade, narrativas de pessoas cegas ou com baixa visão.

f.mianes@terra.com.br